

NOVOS ESPAÇOS NA PROMESSA DE VIDA MEDIEVAL¹

**Profª Doutora Manuela Mendonça
(Faculdade de Letras de Lisboa)**

A temática que ocupa este VIII Curso de Verão da Ericeira está na ordem do dia. Porém, não é nova, sendo certo que, adaptada à velocidade e características de cada época, ela se tem sido mantida como tema recorrente.

Por isso, penso de todo o interesse começar este curso pela análise de um tempo que, para a generalidade das pessoas, ainda se mantém obscuro: a época medieval.

Contudo, ao contrário do que muitas vezes se pensa, esse não foi um período selvagem da história, uma longa noite de mil anos, ou dez séculos de estagnação. Na verdade, o homem medieval viveu ao ritmo de anseios, projectos e limitações, como o homem de todos os tempos. E viveu idênticas problemáticas.

Convido-vos, pois, a recuar doze séculos. Em pleno século IX o Ocidente era uma imensa floresta, quase deserta, semeada, aqui e acolá, por núcleos populacionais. As cidades eram reduzidas e escassas. O homem vivia sobretudo da agricultura, numa relação bipolar com o “senhor da terra”. Essa dependência exigia que, do seu trabalho, traduzido também em géneros, pagassem as pesadas rendas impostas pelo senhor. Este dedicava-se à guerra ou, em tempo de paz, à caça na floresta que, em grandes dimensões, guardava ciosamente para si.

Circunstâncias várias, que se prenderam com acalmias políticas, conseqüente diminuição da mortalidade, eventual aumento de natalidade ou mesmo alterações climáticas, foram progressivamente abrindo novas perspectivas às populações.

¹ Apresentam-se apenas alguns tópicos que serviram ao desenvolvimento da palestra.

:

Aumentando os braços para o trabalho, esboçava-se uma onda positiva, isto é, o aumento de produção. Tal circunstância haveria de conduzir à busca de novos espaços para cultivo. Nascia então, no ocidente, sobretudo a partir do século XI, uma nova promessa às gentes. E, se a floresta do senhor desde cedo fora utilizada para, fortuitamente, caçar ou pescar (provam-no os castigos...), ela passaria agora a ser a zona onde, muitas vezes em processo clandestino, se iniciaria o desbravamento.

Aumentando a produção dos cereais assegurava-se uma mais valia económica que iria permitir a aquisição de melhores ferramentas, nomeadamente de ferro (antes a grande maioria era de madeira)...

A onda foi avançando e, no século XII surgiram os grandes arroteamentos, liderados por senhores ou até religiosos. Lembremos a Ordem de Cister, cujas marcas chegaram a Portugal...(processo fundamentado na exigência de regressar ao carisma do fundador)

E assim se verificaram alterações substanciais, tanto a nível social como económico (novos caminhos para a cidade em desenvolvimento, circulação monetária, comércio...)

Estava-se aparentemente em presença de uma melhoria de vida, mas, a que custo?

O receio do homem medieval existiu! E são inúmeros os testemunhos que possuímos da sua preocupação, nomeadamente no que se refere à destruição da floresta, ao que hoje chamamos poluição, ao crescimento desenfreado...

Alguns exemplos:

- o moinho de água: recurso extraordinário para moer o trigo, a azeitona, pisoar o tecido, curtir as peles.

:

Sem dúvida local de encontro e convívio. Princípio de desenvolvimento. Mas também de poluição...e... a água deixou de ser para todos!!!

A exploração mineira... Mais braços para o trabalho. Aumento da oferta... Abaixamento dos preços...Melhor produção. Maior poder de compra. Mas o produto apetecido, o ferro, que se explorava e fundia na floresta, acabava por destruí-la!!!

As pedreiras a céu aberto – inúmeras e sem controlo...notável produto explorado em França entre os séculos XI e XIII, mas a que preço para a natureza?

A cidade – o apelo ao campo, com maior necessidade de produtos para consumo. O desenvolvimento das indústrias – a solicitação de novas produções: as plantas tintureiras... À custa da floresta...

Porque o tempo é breve, lembremos apenas algumas consequências:

- Destruíram-se milhares de hectares de floresta para aumentar as superfícies aráveis e as pastagens;
- recorreu-se à madeira para tudo: combustível, (era certamente o petróleo do século XII) construção de casas, de moinhos, pontes, paliçadas de defesa, fortalezas, tonéis e cubas para o vinho;
- as primeiras fábricas, nomeadamente de vidro, destruíram florestas inteiras para alimentar os suas forjas;
- o mesmo acontecia para a fundição do ferro

É conhecida, mas ilustrativa, a informação do abade de Suger, a propósito das dificuldades que teve para conseguir madeira necessária à construção da abadia de Saint Denis, no primeiro quartel do século XII...

E continuaremos a dizer que o medievo foi uma época de paragem?

Um período em que nada aconteceu?

:

Ontem, como hoje, destruiu-se na ilusão de viver!

Mas ontem como hoje os homens se deram conta das malélicas consequências da busca desenfreada de mais riqueza!

Londres teve o triste privilégio de ser a primeira cidade do mundo a conhecer a poluição atmosférica.

A partir de 1285 há sucessivas queixas contra os fornos de cal...

Organizam-se as primeiras comissões de inquérito...

São inúmeras as queixas e pedidos de intervenção régia para parar com a destruição de rios!

Por tudo isso, em pleno século XIII já se iniciava a luta contra a poluição e o desaparecimento da floresta.

Em Portugal temos inúmeros exemplos da mesma preocupação que, em curso anterior, já tivemos oportunidade de aqui tratar...

Nesta alvorada do século XXI, cabe perguntar: O homem recuperou-se?

É a história de outro tempo, que deixo para ser abordada pelos especialistas que, nos próximos dias, aqui virão partilhar o seu saber!